

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

10 de Março de 1904

N.º 907



EL-REI D. CARLOS E SEU ESTADO MAIOR
Quadro de Carlos Reis



CHRONICA OCCIDENTAL

Diz-se que no dia 21, de gala por ser o anniversario natalicio do Principe Real, dará a empresa do theatro de S. Carlos sua ultima recita.

Assim o calendario das elegancias estará de accordo com a folhinha official, marcando o termo do inverno. Que não mente aquelle, é quasi certo: S. Carlos fechado, começa a gente a sentir o rufar d'azas que se ensaiam para a partida, como, entre bastidores, as pernas das dançarinas para a dança. Assim não mentisse a folhinha e ella soubesse mandar no tempo.

As manhãs teem sido, pelo menos algumas, de verdadeiro temporal; as tardes é que, ainda assim, se mostraram soffríveis, dando razão ao dictado conhecido do março — marçagão.

O barometro que não sobe acima do variavel não nos dá grandes esperanças de bom sol tão cedo e o camaroeiro do Arsenal tem este anno, com insistência, frequentado o mastro. De noite lá estão, quasi constantes, as melancolicas luzinhas vermelhas.

Accendem-as tambem os jornaes que tratam de politica e o sr. Beirão é que faz de mais grossa nuvem negra, ameaçadora de tormenta e relativas consequencias. O sr. Hintze espera entretanto tambem ter o seu 21 de março e philosophicamente assegura que ha de voltar a primavera e que fará as novas eleições.

Por emquanto a musica continua em S. Carlos e no parlamento onde é primeiro tenor o sr. Baracho.

As bategas d'agua fazem-lhe por vezes um acompanhamento melancolico, entristecendo os espectadores que depois se hão de arriscar á intemperie. O catavento teima que não ha de variar do quadrante, e, nas ruas cheias de lama, os deputados e os frequentadores de theatros apressam-se, sob os guardas-chuvas, a procurar o abrigo dos electricos e dos elevadores.

Houve já um praguento successor do saragano que prophetisou ao mundo seis mezes de continuado inverno. E' como prophetisar-lhe o fim.

Nem para a commovente cerimonia da inauguração da nova estatua de Sousa Martins, o temporal quiz abrindar.

Fôra decidido que o tapume que a occultava fosse derrubado a uma da madrugada de segunda feira, 7, hora do nascimento do chorado professor, que n'essa data nascêra na pequenina villa de Alhandra.

Nesse mesmo dia, ás duas da tarde, foi a estatua entregue á camara municipal de Lisboa pela commissão que erigiu o monumento.

Ao sr. Casimiro José de Lima, que tamanho interesse mostrou pela realisação d'esta homenagem a que, como o disse o sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, com singular brilho para o nome portuguez tanto honrou a sciencia e a patria, foi, por uma commissão representando o povo de Alhandra, entregue uma representação escripta em perganinho e assignada por trezentas pessoas, e encerrada em uma pasta de carneira com cantos e fechos de prata.

A estatua, obra do esculptor sr. Antonio Augusto da Costa Motta, tem sido muito elogiada e veio ainda mais honrar o nome do auctor da estatua de Affonso de Albuquerque.

O tempo não tem corrido mal para os artistas portuguezes, tendo sido tambem juntamente applaudido o sr. Carlos Reis pelo excellente retrato de El-rei, sr. D. Carlos, ultimamente exposto.

Se para outros generos de arte lançamos os olhos, não deveremos deixar de mencionar os novos triumphos alcançados por Vianna da Motta no estrangeiro e o carinho com que pelo publico vimos, ha tres dias, ser tratado o nosso grande actor João Rosa, quando com a *Cruz da Es nola* realisou sua festa artistica no theatro D. Amelia. Casa cheia, enormes ovações.

Grandes noites, segundo todas as probabilidades e confiando no bom gosto do publico, vamos ter muito brevemente n'esta linda casa de espectaculos.

O Visconde de S. Luiz é decididamente o rei dos emprezarios e bem merece que todos os que amamos a arte lhe venhamos dar o nosso applauso. Para que citarmos, ainda uma vez, a grande lista de celebridades que elle nos tem dado a admirar? Para que repetirmos argumentos para demonstrar o quanto a arte entre nós deve ter lucrado com estas visitas?

Coube agora a vez a Georgette Leblanc que nos vae dar a admirar a obra de seu marido, o grande Maeterlink.

Quando, ha uns dez annos, uma peça que o nosso publico extranhou, obrigou certos criticos a falar em auctores menos dispostos a submeter-se ao ramerrão do theatro, o nome de Maeterlink foi citado entre troças. Tambem, por essa occasião algueum, de cadeira, falou em Ibsen, mas chamando-lhe *Ibsens*.

Maeterlink é hoje considerado no mundo inteiro como um dos mais extraordinarios escriptores em lingua franceza. A viagem de sua mulher Georgette Leblanc tem sido uma serie de victorias. Não ha uma opinião discordante com respeito ao altissimo valor da tragedia *Monna Vanna* e de sua talentosa interprete.

Vamo-nos, portanto, distrahir um bocado das nossas luctas caseiras e das noticias da guerra, cada vez mais contradictorias e enigmaticas.

A Eduardo VII atribuem-se as seguintes palavras: «A guerra russo-japoneza entristeceu-me profundamente. Considero-a um acontecimento deploravel. A harmonia entre a França e a Inglaterra é agora, mais do que nunca, necessaria aos superiores interesses da paz universal. Esta união deve manter-se, sejam quaes forem os acontecimentos futuros.»

Estás palavras — e queira Deus que sejam verdadeiras — produziram em França a melhor impressão.

E' o caso de todos dizermos *amen*.

Russos e japonezes continuam a combater no mar e, segundo telegrammas, já em terra teria havido alguns encontros sem maior consequencia. Vidas, e muitas, já as balas arrancaram ou ficaram no fundo d'aquelles mares gelados.

E tanto se fala em paz e tanto por ella se mostra partidario o Imperador da Russia!

Palavras! Palavras!... Vai mais longe das palavras ás acções do que vai de S. Pertsburgo a Tokio.

Andam uns homens inventando machinas de guerra, granadas e torpedos, torpedeiros e contra-torpedeiros; andam outros procurando maneiras de prolongar a vida e diminuir os soffrimentos.

Não virá tempo em que mais admirado seja pela sociedade o Dr. Doyen, por exemplo, do que todos os generaes russos e japonezes, até aquelles que maior talento e audacia na guerra demonstrarem?

O Dr. Doyen é o descobridor da vaccina contra o cancro, da qual assegura ter obtido vantagens certissimas.

Este homem, seguindo as pisadas de Pasteur, a quantos lares não levará a felicidade? Não vale isso mais do que levar-lhe o lucto, por muita gloria que assassinos e mortos possam na guerra lucrar?

Diz-se que a sciencia do seculo XIX fez fiasco, porque nenhuma utilidade teve no que se refere ao bem da humanidade em geral. E' certo até certo ponto; mas paradoxo injustissimo se quizer referir-se aos descobrimentos cirurgicos e medicos e ainda a muitos outros.

De Pasteur pode sem duvida dizer-se que foi o maior homem do seu tempo.

Ainda é costume mal dizer da medicina; Boccage e Molière continuam para muitos a ter razão.

*Aqui jaz um homem rico
N'esta rica supultura;
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.*

Epigrammas como este e os boticarios do theatro francez armados de grandes seringas hão de para os ignorantes continuar a ser arrimo de suas opiniões de descrentes.

Mas os tempos mudaram muito e agora novamente nos lembrou a estatua ha dias inaugurada aquelle que foi dos maiores portuguezes do tempo em que vivemos.

E' que muitos exigem o que não pode ser, é que muitos não cuidam que o dizer *não sei* vale muito mais na sciencia do que malfadadas hypotheses arvoradas em theses.

Querem que a sciencia tudo resolva, quando na propria mathematica ha problemas scientificamente insolúveis.

Os que chamam o medico nos casos desesperados querem que elle obre o milagre, realise um absurdo.

Ha muitos annos estive em Lisboa um prestigador celebre, o Hermann, que deu suas sessões no antigo circo Price. Umas velhas que tinham assistido a um spectaculo viram um dia sem a menor commoção quabrar-se-lhes um lindissimo serviço de Sévres.

— Não importa, d'iscrepâncias. O mano Filipe conhece o Hermann e pede-lhe que o concerte.

O Herman para as chicaras, o medico para todos os desconcertos do estomago, bexiga, coração ou tripa. Não se contentam com menos de que com uma cura radical, sem gatos.

Como se a morte não fosse conclusão da vida, a morte coisa tão triste...

Antes d'hontem estivemos no cemiterio, acompanhando Celso Herminio, com quem, oito ou dez dias antes, estiveramos trabalhando. Celso Herminio é morto, e melhor necrologio não lhe sei aqui fazer que dizendo que raras vezes vi um cadaver descer á terra, acompanhado de tantas lagrimas.

Tão scintillante intelligencia deixou-nos, tão excellente coração esfacela-so agora no cemiterio!

João da Camara.

El-Rei D. Carlos e seu estado maior

Quadro de Carlos Reis

Dupla satisfação tivemos ha dias em visitar o atelier do illustre professor sr. Carlos Reis, na Academia de Bellas-Artes, já pela amabilidade do convite, que para esse fim nos dirigiu, já pelo prazer de vêmos o seu bello quadro representando *El-Rei D. Carlos e seu estado maior*.

Prazer dissémos, e foi o que a nossa alma sentiu, porque, tão costumados a ouvir desdenhar da arte e dos artistas portuguezes, alegram-nos sempre todas as manifestações de vida onde transluz o talento, onde se affirma trabalho e progresso incontestavel, no nosso meio artistico.

E não se diga que estas manifestações de vida apparecem isoladas ou tão distanciadadas, que pareçam antes arrancos de morte.

Não. A serie é ininterrupta. Ainda ha pouco podémos admirar nos Paços do Concelho o bello retrato de El-Rei D. Carlos, pintura de Velloso Salgado, e logo depois assistiamos á abertura da exposiçào Columbano, esse pintor genial e singular. Na igreja de S. Julião podémos contemplar uma tocante imagem de Maria Magdalena, que alli esteve exposta, primorosa esculptura em madeira de Fernandes Caldas. Ao mesmo tempo inaugurava-se no largo da Bibliotheca um magnifico busto do fallecido visconde de Valmór, devido ao grande estatuario Teixeira Lopes, que ha poucos mezes ainda, dotava Lisboa com uma das mais bellas obras de arte, o monumento de Eça de Queiroz. E, mal se encerrava a Exposiçào Columbano, outra abre na Academia de Bellas-Artes para mostrar a obra de um pintor, ha annos recolhida em seu atelier, Teixeira Bastos, que vem apresentar ao publico quarenta e sete quadros dignos de apreço.

E' no meio d'este movimento, realisado em pouco mais de dois mezes, que se inaugura o monumento a Sousa Martins, outra manifestação do talento de Costa Motta; e agora se abrem as portas do atelier de Carlos Reis para patentear ás pessoas convidadas o surprehendente quadro de que nos vamos occupar.



CARLOS REIS

Surprehendente é o termo, porque a todos que o vêem causará surpresa, não só pelas dimensões, pois que pertence ás grandes télas (4,^m x 3,^m) que estamos pouco habituados a vêr, mas, principalmente, pelo conjuncto e perfeita execução.

O quadro de *El-Rei D. Carlos e seu estado maior* pôde dizer-se que participa de cinco generos de pintura: retrato, figura, animalista, militar e paizagem. Em todos é perfeito. Possuir um pintor qualquer d'estas qualidades é já de apreciar; possuir, porém todas com arte e sciencia é ser um mestre.

A figura principal do quadro é, como se vê, El-Rei D. Carlos montado garbosamente o seu cavallo hespanhol *Curcité*. O cavallo sente bem o peso do cavalleiro, está anatomicamente desenhado e a tinta dá perfeitamente o tom castanho escuro do pêllo e não menos os reflexos da luz, sobretudo na barriga.

A semelhança de El-Rei é perfeita; a posição natural. Os tons de ouro da farda, das medalhas e commenda como os do capacete, illudem completamente.

O mesmo se observa nos arreios e jaezes do cavallo.

O branco do calção de camurça tem a nota justa como o do branco das plumas do capacete.

No plano immediato segue o estado maior e n'elle se pôde apreciar os retratos dos generaes srs. Craveiro Lopes e Francisco Maria da Cunha, e dos ajudantes de El-Rei srs. Malaquias de Lemos, Duval Telles, Antonio Costa, D. Antonio de Noronha, conde de Arno, José Lobo e mais, que vão a esfumar-se na distancia como os dois ultimos indicados que já custam a perceber-se.

N'isto se acata a boa perspectiva aerea, o que dá a perfeita illusão do natural.

O ultimo plano do quadro é limitado por esquadros de cavallaria em fórma, a que El-Rei vai passando revista.

O céu, bem azul, tocado de ligeiras nuvens de vento, inunda o quadro de luz, que em todo elle se reflecte até ao terreno largamente pintado, de tons quentes e onde a vegetação rebenta e as projecções tem o valor exacto.

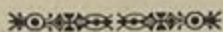
Assim temos a apreciar n'este quadro: a semelhança dos retratos principiando pelo de El-Rei; a correcção, naturalidade das figuras e composição; o bem estudado da anatomia do cavallo na posição em que está; o bello aspecto militar ou marcial do quadro; a largueza e o toque de quem conhece a paizagem.

Estas qualidades reunidas produziram o irreprehensivel quadro a que nos estamos referindo e que faria a reputação de um artista, se Carlos Reis não tivesse por tantas vezes affirmado o seu talento em obras de subido merito.

O quadro de *El-Rei D. Carlos e seu estado maior* é uma obra d'arte de primeira ordem em toda a parte em que possa ser apreciado, e honra tanto o artista que o produziu como o paiz a que elle pertence.

Valha-nos, pelo menos, a consolação d'estes crentes que, com o seu trabalho e talento honram esta patria, que tantos diligenciavam perder.

C. A.



A guerra entre o Japão e a Russia

O duello que está travado entre o Japão e a Russia traz interessadas todas as nações do mundo.

O receio d'uma conflagração geral parece desenharse já no horizonte, e as potencias mais de perto interessadas na questão, ao passo que affirmam a sua neutralidade, preparam-se poderosamente para uma lucta que parece não vir longe. E' este o estado da questão.

A origem do conflicto resultou da expansão do Commercio Japonez na China, que a occupação da Mandchuria pela Russia ameaçava reduzir.

Em principios de dezembro os negocios debattidos entre a Russia e o Japão estavam bem encaminhados para uma solução amigavel. O Japão mostrava-se cançado de fazer concessões ao colosso moscovita, mas emfim ia cedendo. Foi então que se inaugurou em Tokio a abertura da nova camara de deputados a que o imperador assistiu proferindo um breve discurso; na resposta dada pelo presidente da dicta, como era das praxes, frizaram-se, porém, graves censuras ao governo interior e exterior do imperio, resultando d'isso ser a camara dissolvida.

Os partidarios da paz viram n'este incidente um accaso providencial. O governo livre da pressão da camara que na sua maioria se mostrava intransigente a todas as pretensões da Russia, podia trabalhar com inteiro desassombro nas negociações e chegar a uma solução conciliadora.

A Russia, entretanto, não parecia querer encaminhar as cousas para este desideratum, e as suas

respostas feriam cada vez mais a dignidade dos japonezes.

Então o governo que tinha feito tudo quanto humanamente lhe era possivel para conciliar os interesses nacionaes com os dos russos, viu que não podia ir mais longe e enviou á Russia um ultimatum convidando-a a reconsiderar nas suas declarações e a enviar uma resposta em prazo determinado.

O conhecimento de um tal acto sobressaltou desde logo a China e a Corêa, porque viram immediatamente que no ajuste de contas quem viria a pagar seriam ellas, sendo quasi certo que a Corêa desaparecerá para ser annexada a qualquer das duas potencias vencedoras.

Receioso o Japão de que a demora da resposta da Russia obedecesse ao fim de adiar o rompimento das hostilidades, no proposito de ganhar tempo para melhor se prevenir para a lucta, tomou elle a iniciativa desse rompimento á meia noite do dia 8 de fevereiro, tentando os torpedeiros japonezes fazer ir pelos ares, subitamente, por meio de minas submarinas a esquadra russa que se encontrava fóra da enseada de Port Arthur.

A imprensa de S. Petersburgo fazendo a historia das negociações da Russia com o Japão «queixa-se de que as exigencias dos japonezes se tornavam progressivas, em consequencia da excitação da alta sociedade japoneza e da imprensa local e estrangeira, dando isso causa a um prematuro rompimento.

«A Russia pedia garantias reciprocas concernentes á independencia e á integridade da Corêa. Desejava o compromisso de não utilizar nenhum ponto da Corêa para fins estrategicos, e a manter inteira liberdade na navegação no estreito da Corêa.

«O Japão repeliu estas condições e exigiu clausulas relativas á Mandchuria. A Russia não podia aceitar estas clausulas, mas reconhecia a soberania da China e os privilegios das potencias na Mandchuria.

A Russia esperava que o Japão apreciase os desejos da Russia de chegar a um accordo pacifico, mas o Japão, sem esperar resposta, rompeu as negociações.»

E' assim que a Russia explica o seu procedimento, mostrando, *apparentemente*, achar-se contra sua vontade a braços com uma guerra, de que ha muito pode suppor-se, trazia o plano formulado.

Os telegrammas pelos quaes temos sido informados dos successos da guerra, tem mostrado que elles são favoraveis ao Japão e demonstram o estado de adiamento em que esta nação tem os seus exercitos de mar e terra.

Os tres principaes acontecimentos da guerra: o ataque de Port Arthur, a occupação de Seül e o combate de Chemulpo, assignalam tres importantes victorias para as armas japonezas e dão prova evidente do valor dos seus soldados, da pericia dos seus officiaes e do escolhido material de combate com que o Japão está armado.

A imprensa ingleza, a proposito do conflicto, tem feito affirmações que se não devem deixar sem registro.

O *Standart* diz, que se a Russia pedisse á França a sua cooperação e a França lh'a concedesse, seria com consequencia immediatamente neutralizada pela acção da Grã-Bretanha.

«Temos obrigação expressa, accrescenta a folha londrina, de ir em auxilio do Japão, no caso de intervenção d'uma terceira potencia; esta consideração bastará para obstar a que aquella Republica se envolva na contenda.»

São eloquentes as affirmações do *Standart*.

O acrual imperador da Russia, Nicolau II succedeu a seu pae Alexandre III, em 27 de novembro de 1894.

Como se sabe, Nicolau II tem-se manifestado partidario da paz, e por isso não quiz ser o primeiro a romper as hostilidades com o Japão, como ficou dito, os interesses, porém da Russia e a opinião publica do seu paiz, tiveram mais poder que os seus desejos de paz.

Mutusuhito imperador do Japão, nasceu em Kioto a 3 de novembro de 1852 e a sua dynastia reina ha 2.550 annos. E' durante o seu reinado que o Japão tem emprehendido as grandes reformas que mudaram completamente os costumes d'aquelle paiz e a sua orientação politica, na qual se revela bem o desejo de preponderancia da raça amarella.

O *Masshin* é um grande couraçado adquirido pelo governo do Japão para a sua marinha. Este couraçado era da Republica Argentina assim como um outro tambem adquirido pelo Japão e a que deu o nome de *Kansiga*.

A marinha japoneza possui 6 couraçados cruzadores, 1 couraçado antigo, 3 guardas-costas, 3 cruzadores modernos, 10 cruzadores exploradores, 25 caça-torpedeiros e 70 torpedeiros.

A maior parte d'estes navios são mais modernos e de maior velocidade que os navios da esquadra russa.

O *Oliabja* é o navio chefe da esquadra russa. De construcção moderda, tem todas as inovações da nova tatica.

Esta guerra que, sobretudo é mais no mar do que em terra, será uma nova prova para conhecer das vantagens dos grandes couraçados, de que a Russia possui os mais poderosos.

O general Teraoutchi e o Feld-Marchal Visconde Taro Katsura, presidente do governo japonês, são dois vultos importantes que esta guerra vem pôr em foco, e sobre os quaes grandes responsabilidades pesam n'este momento historico, a que o desenrolar dos acontecimentos dará gloriosa ou triste celebridade.

R.

POLITICA EM PORTUGAL

VIII

Lingua Portuguesa. — O meu illustre amigo sr. conego Senna Freitas, não ha ainda muito tempo, escreveu estas palavras em folhétim publicado no *Diario de Noticias*, sob o titulo de *A lingua portugueza*.

«Em que idioma redigimos nós hoje os nossos livros, os nossos folhetos ligeiros e os nossos artigos?»

Ao vêr estragar com tantos neologismos improprios e com tontos galicismos injustificaveis, uma lingua tão rica como é a nossa, o distincto orador sagrado teve carradas de razão para formular assim uma pergunta oportuna.

E, semelhantemente, outro não menos illustre amigo meu, o erudito sr. José Joaquim Gomes de Brito, notando a irreflexão que estava a dar-se e occorreu afinal nas regiões officiaes com a adopção e introdução da palavra franceza *Morgue* para denominar em Portugal o que todos nós comprehendemos com a designação portugueza de *Casa mortuaria*, indignado tambem como aquelle sacerdote, fez imprimir em folheto em 1899, um escripto seu de critica que já vira lume de publicidade aos 23 de março de 1879 em condições identicas ás do folhétim do sr. conego Senna Freitas, alludido acima.

E' escusado dizer que tudo o que ahi se affirmava e se deduz com rigor logico está á altura da penna de Gomes de Brito, cultor primoroso d'esta lingua bella e até opulenta em que se firmaram os creditos de Vieira e de Herculano, cujos nomes gozam no mundo literario da reputação a que teem direito legitimo.

Não vou, portanto, elogiar o folheto de Gomes de Brito o qual accresceu ao original primitivo mais algumas considerações que o acompanham e elucidam; mas vou transcrever o período que o fecha, pedindo vénia ao auctor para aqui perfilhar as suas expressões, nunca deslocadas:

«O sr. ministro da justiça não consentirá decerto, na affronta que menos pensadamente está a ponto de fazer-se, já não dizemos á legislação patria, de cuja integridade e perfeição formularos Sua Ex.^a é natural defensor e conservador, mas áquelle mesmo idioma em que Sua Ex.^a — e sem o menor vislumbre de lisonja o reconhecemos — por fórma tão castiça maneja, quando fala, e tão vernaculamente emprega, quando escreve.»

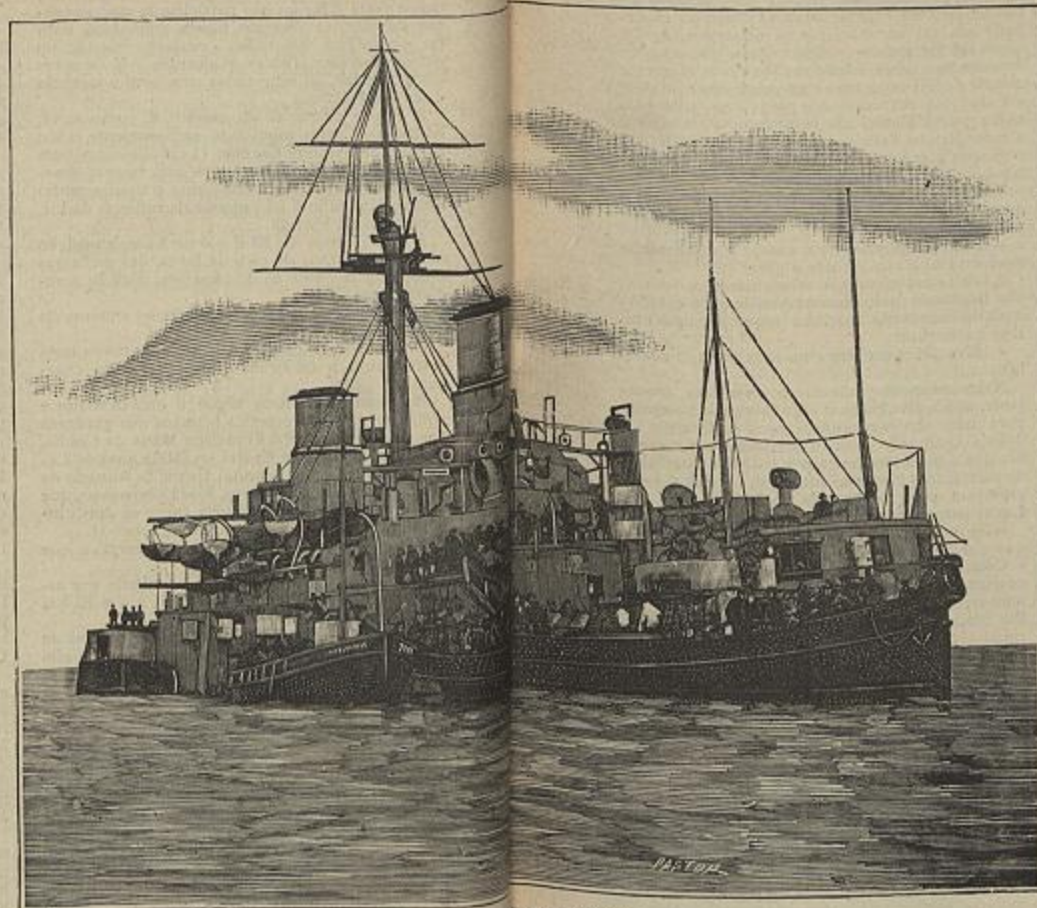
Com effeito, baptisar com o nome de *morgue* aquillo que podemos chamar com toda a propriedade *casa mortuaria* que realmente é, foi affrontar o idioma de Camões e de Castilho no proprio momento em que ia celebrar-se o centenario do traductor de Ovidio, vidente cego de quem no volume *Auroras da Instrucção*, disse o fallecido D. Antonio da Costa, em portuguez puro: «Os principios que sustentou, a não ficar este paiz um automato na moderna sciencia do ensino e nas condições da sua transformação pela escola, representam o espirito que hade aviventar o povo portuguez.»

Na terceira parte do livro *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do ex.^{mo} duque de Lafões*, pelo

A GUERRA ENTRE RUSSIA E O JAPÃO



O IMPERADOR DA RUSSIA, NICOLAU II



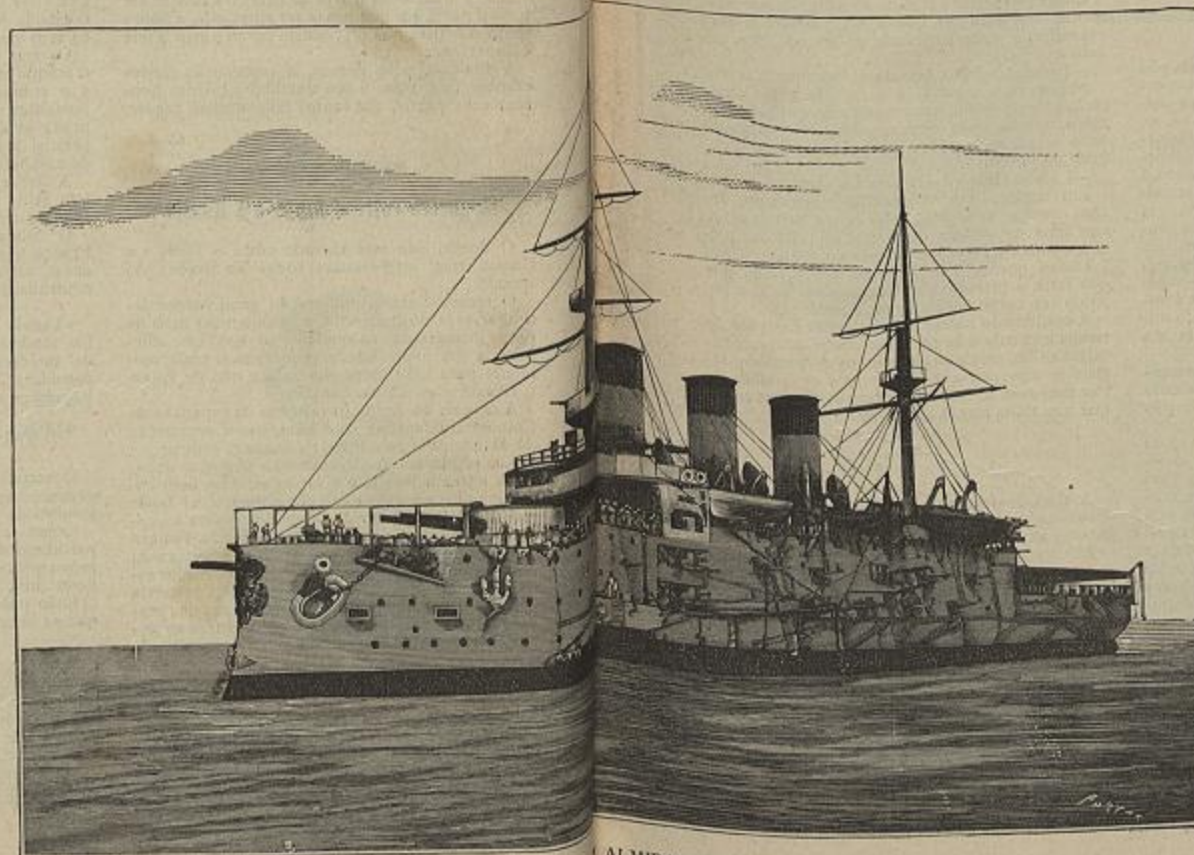
O «MISSHIN», PODEROSO COURAÇADO JAPONEZ



O IMPERADOR DO JAPÃO, MUTSUHITO



GENERAL TERAOUTCHI
MINISTRO DA GUERRA JAPONEZ



O «OLIABJA», ALMIRANTE RUSSO



FELD-MARECHAL
VISCONDE TARO KATSURA
PRESIDENTE DO GOVERNO JAPONEZ

seu mestre João de Moraes de M. dureira Feijó, lê-se esta asserção categorica: «Toda a alma da pronunciação consiste nos tons, ou Accentos, com que se pronunciam as syllabas em cada palavra» — ora, plagiando um tanto, affirmarei por meu turno: toda a alma e toda a belleza de uma lingua consistem na conservação e no respeito de seus vocabulos e de suas locuções consoante as necessidades de tempo, as leis de progresso e a medida social de intellectualidade.

O que não é licito desconhecer sobretudo é que uma lingua quanto maior pureza e integridade mantem, tanto maior valor moral assume como elemento de ordem na autonomia de um povo, cnjos nobres sentimentos de vitalidade contribue poderosamente para fortalecer.

E cumpre a todos os dirigentes não ignorar que: «As linguas, na phrase conceituosa de Abel Hovelacque em sua *Linguistica*, uma vez geradas, não se pode dizer que entram logo em seu periodo historico, entendendo por isso que seu desenvolvimento se acha submetido de então em diante ao arbitrio e ás phantasias d'aquelles que as falam. Seria um erro.»

Na *Historia da literatura italiana*, sustenta Etienne com fundamento claro que: «é um erro supór que uma lingua literaria pode nascer de uma escolha artificial e de uma convenção.»

As innovações, quando não derivam de exigencias forçadas de meio, subordinadas a uma orientação sensata, não só são sempre perigosas mas desvirtuam a feição singular e o caracter tipico das coisas.

Que motivo plausivel, que urgencia de caso demandaria que se introduzisse na lingua portugueza já tão mystificada e sophisticateda com alheios, a palavra *morgue*?

Seria para se demonstrar uma vez mais a filiação de raça entre portuguezes e francezes?

Não ha duvida que é certissima esta affirmação de Alexis Pierron na *Historia da literatura grega*: «O parentesco das linguas é a prova manifesta do parentesco das raças.» Mas é certissimo igualmente que o bom senso não aconselha servilismos de importação agravados com a evidencia de inutilidade pratica.

Não é só a palavra *morgue* que eu faço referencia, trato em geral de todas as palavras de procedencia extranha mal cabidas em nossa lingua e que circulam de bôcca em bôcca e de escripto em escripto, revelando ignorancia crassa e audacia leviana.

«Foi pela conquista, diz o ultimo auctor citado, na *Historia da literatura romana*, que o latim se tornou a lingua commum da Italia, das Galias, da Africa, da Hespanha.» Mas nós, hoje, felizmente, não estamos na situação angustiosa de ter de aceitar palavras que nos sejam impostas e designações suggeridas por titulo caprichoso.

Conforme acabo de mostrar em quadro succinto, a politica em Portugal empanna-se em labyrinthos perigosos senão muito suspeitos e longe de acendrar-se por meio de processos acreditados de governo imparcial e patriótico, optando sempre e em tudo pelo mais justo, intromette-se até em coisas minimas que não deprimem talvez, mas que não teem alento em sciencia de methodos e de administração economica.

Por ser breve não deixa entretanto de compungir, esse quadro, pleno de verdade e de exacta averiguação de factos.

Não pretendi impugnar doutrinas nem desabafar penas e odios: amo o meu paiz como filho seu e como homem habituado a admirar-lhe as glorias em paginas diamantinas de uma historia heroica.

Se expendi algumas poucas idéas minhas obedeci a impulsos de consciencia em dever civico e sagrado de servir a minha patria, que não vaidade.

Não peço absolvição a ninguem, se pequei, mas tambem a ninguem desejarei mal por de si afastar desdenhosamente as precedentes linhas de minha humilhissima prosa.

D. Francisco de Noronha.

O FRATRICIDA

(De Gabriel de Annunzio)

LUCAS ao ouvir o ruido das muletas, abriu desmedidamente os olhos turvos fixando-os na porta por onde seu irmão costumava entrar. O rosto

macerado pela doença e consumido pela febre, assumiu repentinamente um ar de rudeza, quasi de furor. O doente tomou convulso as mãos da mãe, gritando rouco e sobresaltado que expulsasse de casa aquelle ente, que o não queria ver. A breve trecho as palavras sumiram-se-lhe na garganta. A tosse atacou-o devéras, e apertou com phrenesi as mãos da mãe. Lucas, tossindo sempre com o rosto da pobre mulher juncto a si, repetia o pedido com terrivel insistencia, levantando-se da cama e impellindo-a para o pé do humbral, onde appareceu Daniel encostado ás muletas.

Era um rachitico, com a cabeça sempre a me-near. Os cabellos tão louros eram que pareciam brancos, e os olhos azues, apparecendo por de sob as brancas pestanas eram d'uma expressão tão doce como os de um cordeiro. Entrou sem dizer palavra; uma paralytia emmudecêra-o. Ao notar os olhos do doente fitos com certa energia feroz, parou a meio da casa, apoiado ás muletas, sem que tentasse dar passada. Via-se-lhe uma leve tremura na perna direita, retraida e atrophada.

Lucas disse á mãe:

—Que vem cá fazer este aleijado? Expulsa-m'ô de casa, ouves-me, exijo que o ponhas fóra immediatamente!

Daniel olhou supplice para a madrastra que ia a erguer-se e que ao vê-lo olhál-a com tal humildade não teve animo para o pôr fóra brutalmente. O aleijado então, mettendo uma das muletas debaixo do braço, gesticulou com o braço que lhe ficava liberto um arremesso de desespero, dirigindo um olhar voraz para um bahú, arrumado a um recanto do quarto; aquelle olhar significava fome.

—Não!... Não lhe dês cousa alguma—exclamou Lucas torcendo-se na cama.—Que desapareça, que nunca mais o veja!

Daniel inclinou a grande cabeça para o peito e estremeceu, com os olhos marejados. Quando sentiu que a madrastra lhe punha a mão sobre o hombro e o repellia para a porta, o desgraçado desatou a chorar, deixando-se conduzir sem fazer um unico queixume. Ouviu fechar-se a porta sobre si e sentou-se no limiar soluçando violenta e continuamente. Lucas ouvindo-o, insistiu com a mãe para que o arredasse d'alli, que fosse para o meio da rua. A velha d'um pulo encaminhou-se para a porta e levantou para o pobre mudo as mãos rudes, costumadas a maltractar, a que Lucas, do leito, incitava.

Vencido por tanto bater, Daniel não mais chorou, desceu e sustou o choro.

* * *

Estava esfomeado. A sua bocca não via pão ha dois dias; quasi lhe feltavam forças para erguer as muletas. Uma bandada de garotos corria atraz de um *papagaio* que oscillava no ar. Uns tropeçavam, outros chasqueavam do desfortunado, outros ainda alludiam á sua cabeça enorme, alcunhando-o de *cabeça falante*. Um garoto teve a crueldade de lhe fazer cair uma das muletas, fugindo em seguida. O mudo quasi deu uma queda, com grande custo apanhou a muleta continuando a sua róta. Os gritos e as exclamações dos tratantes foram para as bandas do rio. O *papagaio*—similhante a uma ave phantastica—subia sempre por entre uma atmosphaera suave e rosea. Perto d'uma represa ouvia-se um côro de soldados. Succedia isto na primavera, passada a Paschoa.

Daniel sentindo fome, pensou em pedir esmola. A pouca distancia havia uma padaria cujo forno exhalava um appetitoso aroma de pão quente.

Um homem, moço de padeiro, trajando de branco, que levava á cabeça um taboleiro enorme em que iam collocados com certa arte pães alourados e ainda a fumegar, passou mesmo rente ao desgraçado faminto. Atraz do moço seguiam dois cães latindo e sacudindo a cauda. Daniel cuidou que desfallecia e continuava a scismar que não podia comer sem que esmolasse. A noite ia-se aproximando. A abobada celeste estava como que pejada de *papagaios* que se balouçavam no vacuo até cairem no chão. O echo trazia um som confuso e prolongado das campas que tocavam. Daniel disse para comsigo que ia para o portal da igreja, e assim pensando encaminhou-se para lá.

* * *

Estava aberta. No mais escuro via-se o altar illuminado por bruxoleantes luzes, apparentando

uma constellação. Pela porta saía um tenue cheiro a incenso e benjoim. De vez em quando o orgão vibrava sons harmonicos. O orgão fez repercutir um tal accorde que as pilastras vibraram como se fossem um violino. Quasi que a seguir desencadeou uma infinidade de notas alegres e claras; depois ouviram-se as vozes dos cantores. Os devotos entravam aos pares e aos trios pela unica porta. Daniel não se arriscou a estender a a mão. Juncto d'elle permanecia outro pobre que começou a gemer o peditorio. O mudo envergonhou-se.

Viu que a madrastra tambem entrára para a igreja, embiocada n'um espesso véu, e pensou para comsigo:

—E se eu aproveitasse o ensejo em que minha madrastra aqui está e fosse a casa?

A fome aguilhoava-o de tal maneira que o mudo, não hesitando mais, encaminhou-se para casa. As muletas faziam-n'ô voar. Ao passar por uma mulher ouviu dizer:

—Olha lá! tens fogo na casa? Ora, o coxelas!...

N'um momento se encontrou em casa, arquejante, suffocado. Subiu a escada cuidadosamente para não ser presentido, como se fóra um ladrão. Apalpando buscou a chave n'um recanto em que a madrastra havia por costume guardal-a, ao sair. Encontrou-a e antes que abrisse a porta espreitou pelo buraco da fechadura e viu que Lucas parecia estar a dormir; Daniel meditou:

—Se pudesse apanhar uma côdea de pão sem que o despertasse!

Com mil cautelas abriu a porta, sustendo a respiração, receando que o enfermo acordasse com os baques do coração. Estes baques davam-lhe ideia que enchiam o quarto d'um medonho ruido.

—E se desperta?—pensou Daniel, estremeendo-lhe a medula, ao deparar com a porta que abriu.

A fome fazia-o arrojado. Entrou, andando precatadamente, sem desviar uma unica vez os olhos do irmão.

—E se desperta?!

O doente permanecia de costas, respirando difficilmente. De quando em quando um debil silvo lhe saía da bocca. Em cima da mesa estava uma só véla que projectava nas paredes enormes sombras moventes. Daniel, já perto do bahú, parou a vigiar o dormente, para afugentar o temor de que estava possuido; depois metteu as muletas sob um braço, fazendo grandes esforços para lhe erguer a tampa; o bahú fez um ruido secco.

Lucas estremeceu e abriu os olhos desmedidamente. Reparou no que o irmão estava a fazer e desatou a gritar, agitando os braços como um doido:

—Ladrão, ladrão! Accudam! Soccorro!...

Suffocava-o a raiva, e á medida que o coxo, inclinado no bahú, procurava, tremendo-lhe as mãos, um bocado de pão, o enfermo saindo do leito e lançou-se sobre o desgraçado para o cohibir da tentativa.

—Ladrão, ladrão!—gritava furioso.

Em seguida n'um phrenetico paroxismo, fez com que a tampa do bahú caisse pesadamente em cima da cabeça de Daniel que todo se torceu, como uma lebre apanhada no ardil.

Lucas, porém, não affrouxava; não sabia já o que fazia, e carregava na tampa com todo o peso do seu corpo para degolar o irmão.

A madeira do bahú rangia; a parte cortante da tampa entranhou-se na carne molle da nuca; estalavam-lhe os vasos sanguineos do pescoço, faziam-se em pedaços os nervos e os tendões... Por fim, caiu do bahú um corpo inerte, um corpo que não tinha signal algum de vida.

* * *

A alma do fraticida, ao deparar com o mudo assassinado, foi accommettida por uma extraordinaria loucura.

Por umas tres vezes, cambaleando, atravessou o quarto que os frouxos clarões da véla enchiam de phantasmas, apanhou nervosamente a roupa da cama, envolveu-se n'ella por completo e atirou-se para o leito. Na calada da noite os dentes rangiam-lhe como uma lima mordendo ferro.

XXIX-II-CMIV

Henrique Marques Junior.



LIVRO DE MARINHARIA

Tratado da agulha de marear, de João de Lisboa — Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos á navegação, etc.

Copiado e coordenado por Jacintho Ignacio de Brito Rebello

O precioso codice do seculo XVI que o antigo redactor do OCCIDENTE, e nosso bom amigo sr. Brito Rebello, agora copiou e coordenou, pertence á collecção de manuscriptos da bibliotheca dos marquezes de Castello Melhor, vendida em leilão em 1878, e de que o OCCIDENTE se occupou a pag. 168 do I vol.

Por fortuna esse codice não sahiu do reino, como tem sahido tantos outros documentos valiosos, pois foi arrematado pelo sr. duque de Palmella por 450.000 réis.

Fortuna foi ainda o illustre titular resolver dar á estampa o dito codice, tornando assim publico os *Tratados de Marinharia* que no mesmo se contém, documento e prova dos trabalhos dos navegadores portuguezes do seculo XVI em devassas, mares e marças, as rotas, os baixos, ilhas, costas, portos, fundos, etc., com que foram fazendo as cartas de navegação e abrindo os caminhos do mar por onde hoje se vae seguro.

Ainda que possa parecer ocioso insistir n'este ponto da nossa historia, não é de mais accumular e tornar bem publico documentos d'esta natureza, quando lá fóra, por má fé ou ignorancia, ainda apparecem escriptos a contestarem a prioridade dos portuguezes nos descobrimentos e dominio dos mares.

Não era, porém, empresa facil o publicar o codice de que vimos tratando, a principiar pela leitura e não menos pelos erros e saltos do copista e então, como muito bem observa Brito Rebello na *Advertencia* com que precede o seu trabalho.



J. I. DE BRITO REBELLO

Estas e outras difficuldades podiam ser vencidas quanto possivel desde que a tarefa fosse confiada a pessoa competente, e para isso encontrou o sr. duque de Palmella o melhor auxiliar no sr. Brito Rebello, em quem se reúne longa pratica de leitura de manuscriptos dos seculos passados e muito conhecimento de documentos d'esses seculos, pela mesma leitura, confronto e critica, no que tem consumido uma boa parte da sua vida. Nada de melhor lhe podia cahir nas mãos que uma obra d'este genero. No que muitos encontrariam difficuldades insuperaveis, elle achou facilidades relativas e elementos de estudo e investigação.

Assim, por exemplo, na introdução, refere-se o sr. Brito Rebello largamente ao piloto João de Lisboa, de que em tempos publicou um estudo¹, que amplia agora com investigações posteriores, chegando a ter quasi a certeza de que este navegador por tantos annos esquecido, cujo nome

elle foi desencantar nos documentos da Torre do Tombo, foi um dos pilotos que acompanharam Vasco da Gama na primeira viagem á India.

Vê-se, pois, que o *Livro de Marinharia* não é só uma copia e coordenação do *Codice* citado, mas tambem um importante estudo sobre o piloto João de Lisboa, de que pouco ou nada se sabia ainda não ha muitos annos.

Assim maior louvor cabe ao sr. duque de Palmella mandando publicar o *Livro de Marinharia* como elemento importante para a historia dos navegadores e descobrimentos portuguezes, e ao sr. Brito Rebello que tão proficientemente dirigiu essa publicação e a tornou mais interessante, levantando do esquecimento o nome de mais um navegador portuguez.

O livro, em 4.º, tem LXXXII, paginas de introdução e documentos, 308 de *Tratados de Marinharia* e 1 de erratas. E' illustrado com alguns desenhos copias do codice, e nitidamente impresso nas officinas de Libanio da Silva, Lisboa.

C. A.



O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1904

Pressão: Maxima, 773^{mm},5, em 20.

» Minima, 751^{mm},9, em 24.

A pressão manteve-se acima de 770^{mm}, em 13, e de 19 a 22.

Manifestaram-se depressões barometricas:

Em 2 (min. 752^{mm},7), e em 24.

Temperaturas: Maxima, 15^o,5, em 13.

» Minima, 6^o,0, em 24 e 25.

A temperatura foi, em todo o mez normal (sendo a maxima, fraca, e quasi igual á de janeiro (15^o,4), a minima foi, em compensação, superior á normal).

Temperaturas abaixo de 12^o, em 5 (10^o,8) — 18 (11^o,2) — 19 (11^o,9) — 21 (11^o,8) — 24 (10^o,8) e 27 (11^o,5).

Ventos: SW., até 18 — N., de 19 a 21 — NW., em 22 e 23 — SW., em 24 e NW., até 29.

Chuvas: Em todo o mez, 140^{mm},0.

Os dias de chuva notavel foram: em 1 (20^{mm},1) — 6 (17^{mm},5) — 7 (24^{mm},2) — 8 (10^{mm},7) — 16 (12^{mm},4) — 23 (10^{mm},1) e 24 (24^{mm},6).

Céu: Bom tempo, 4 dias.

» Nublado, 21 dias.

» Encoberto, 4 dias.

Nevoeiro: Em 6.

NECROLOGIA

CAZIMIRO DANTAS

Este distincto escriptor, pae de outro escriptor já consagrado o sr. Julio Dantas, falleceu no dia 15 de fevereiro.

Uma antiga doença de figado aggravada ultimamente e rebelde a todos os esforços da sciencia, determinou o fatal desenlace, previsto alguns dias antes pela marcha rapida dos seus symptomas alarmantes.



CAZIMIRO DANTAS

Nascera Cazimiro Dantas em 19 de julho de 1850 e sentara praça em 1 de agosto de 1869 na arma de cavallaria, tendo sido ha pouco tempo

promovido a coronel, accesso a que se seguiu a sua reforma em general de brigada.

Com grande proficiencia, mostrando vastos conhecimentos de fóro militar, exerceu por alguns annos o cargo de defensor no 1.º conselho de guerra da 1.ª divisão.

Escriptor primoroso, prosador e poeta, deixou alguns trabalhos de apreço disseminados pelos jornaes diarios, afirmando-se como jornalista politico de grande valor, nas columnas do *Diario da Manhã*, de que Pinheiro Chagas, foi director politico, e no *Diario Illustrado*, *Correio da Europa* e *Illustração Portugueza*.

Tinha os habitos de S. Thiago e de Aviz, a medalha de prata de comportamento exemplar e a cruz de 2.ª classe do merito militar de Hespanha.

BISPO DE CABO VERDE

No dia 1 do corrente falleceu em Alvações do Corgo o rev.^{mo} bispo de Cabo Verde, sr. D. Joaquim Augusto de Barros, um dos prelados mais illustres pelo seu saber e virtudes.

Morreu com 67 annos de idade, tendo exercido o elevado cargo episcopal durante 24 annos, deixando o seu nome vinculado a muitas obras de caridade, repartindo com os pobres os seus honorarios e promovendo a instrucção da sua diocese.

No n.º 555 do OCCIDENTE, em artigo do sr. A. Lopes Mendes, occupou-se esta revista em evidenciar os dotes de caracter e de coraçao que exornavam o illustre finado, o qual impressionava agradavelmente quem se lhe approximava, attra-hindo mesmo e impondo-se respeitosamente na modesta simplicidade da sua apresentação, como um verdadeiro apostolo do christianismo.

O rev.^{mo} bispo de Cabo Verde nasceu na villa do Peso da Regua, a 23 de julho de 1837.

Dedicando-se desde muito novo á vida ecclesiastica, para que sentira decidida vocação, cursou as aulas do lyceu de Villa Real de Traz os Montes, d'onde, terminados os preparatorios, foi para o Porto, entrando para o seminario onde estudou theologia com distincção notavel, sendo nomeado prior da freguezia de S. Salvador de Torgueda pelos annos de 1862 a 1863.

Ahi consumiu 20 annos na pratica do bem, até que a nomeação para bispo de Cabo Verde, em 13 de março de 1884, o foi arrancar aos seus parochianos que o adoravam.

Sagrado na igreja do Sacramento de Lisboa, partiu para a sua diocese em junho d'aquelle anno, voltando ao reino em 1890 para obter alguns melhoramentos na sua diocese, para onde novamente partiu em 1893.

Actualmente o illustre prelado achava-se em Alvações do Corgo, onde tinha o seu solar, e onde falleceu rodeado dos seus amigos e conterraneos, justamente pranteado pelos pobres de quem elle fóra sempre o amparo e protecção.



Recebemos e agradecemos:

A *Cathedral* por J. K. Huysmans.—Tradução de B. da Costa Pereira.—Povoa de Varzim, Livraria Povoense editora de José Pereira de Castro — 1903.

Temos presente este notavel trabalho do originalissimo escriptor Huysmans que mais uma vez poz em alto relevo as suas faculdades de romancista.

A *Cathedral* é um romance onde se apresentam quatro personagens e onde tambem se consegue o maximo fervor de attenção em vista da arte com que o auctor, em forma de dialogos e de apreciações, prende os leitores captivados.

Desereve-se no volume uma cathedral com irreprehensivel nitidez de linhas, de contórno e de conjuncto; discute-se a symbolica com opulencia de verdade e regista-se em artigo critico de muito valor o bello trabalho *Coração da Virgem*, de Fra Angelico, no Louvre.

Não é facil de traduzir a obra de Huysmans com absoluta perfeição.

Huysmans é um psychologo distincto e emaranha-se por vezes no campo de conceitos philosophicos profundos a que se não está habituado em romance.

Certamente o traductor portuguez encontrou

¹ Vide O OCCIDENTE vol. II, pag. 3 e 54.

graves dificuldades e luctou com ellas teozamente.

Não podemos captular de um primor a traducção, mas cumpre-nos dar os devidos louvores ao sr. Costa Pereira que, na realidade, mostra possuir dotes apreciaveis e haver escrupulo consciencioso em selecção e ajuste de termos em harmonia com as idéas e o pensamento do auctor.

Achamos portanto no caso de recommendar-se a leitura do volume *A Cathedral*.

Almanach Palhares para 1904. — Foi nos offerecido pela empresa d'este almanach um exemplar da sua publicação d'este anno que como as anteriores satisfaz plenamente o fim a que se destina.

De anno para anno augmenta o seu repositório de informações e pela quantidade de annuncios que insere, affluencia que tambem augmenta de anno para anno, vê-se a importancia que a sua publicidade tem em todo o paiz.

O *Almanach Palhares* ao mesmo tempo que justifica a sua indole é profusamente illustrado e tem, como nenhuma outra publicação congenere, a vantagem de aliar ao que



D. JOAQUIM AUGUSTO DE BARROS, BISPO DE CABO VERDE

as outras tem de util, um preço modicissimo, 15000 réis, sendo aliás um volume de perto de 1.500 paginas.

Ao entrar no 6.º anno da sua publicação não nos queremos eximir ao prazer de saudar a empresa á frente da qual está o nosso particular amigo sr. A. Morgado, por ter sabido corresponder á sympathia que o publico dispensa ao seu interessante almanach, á custa de muitos sacrificios, é certo, mas com uma vontade firme e uma noção intelligente.

Na coordenação das materias, na ampliação das secções de mais interesse publico tem demonstrado o auctor sr. Morgado que não só possui o *savoir faire* de trabalhos d'esta especialidade, mas que para elles tem tambem uma rara paciencia e um gosto inexecediveis.

Almanach de Santo Antonio para o anno de 1904. Porto. — É um bello almanach de 436 paginas illustradas com gravuras e com variada collaboração litteraria, a qual é intercalada nos dias do calendario, no que offerece certa novidade, sendo além d'isso de boa leitura moral e instructiva.

LOJA DO LOPES

(Soelo-gereute que foi dos Armazens de S. Roque)
Armazem de Fazendas e Modas
LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO
MODAS E ATELIER DE MODISTA
espartilhos barba direita, Modelo EVA HUBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins
Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 da tarde
CONSULTAS
LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa	Porto	Coimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA
N.º telephónico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

**Française, Allemand, Aglais, Espagnol,
Italien et Portugais**

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 44, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO-DENTARIO

DE
GOMES COSTA
Cirurgião-Dentista

Clinica da bocca, dentes e prothese dentaria — R. da Boa Vista — Lisboa

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

DE
WORM & ROSA

135, R. da Prata, 137 — LISBOA



Fourniture générale pour la photographie — Commissions
Boletim Photographico — Unica revista illustrada de photographia mensal que se publica em Portugal.
EDICÃO E PROPRIEDADE D'ESTA CASA

Numero á entrega 150 réis

PASTOR, GOUVEIA & C.^a

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

78, 1.º, R. de S. Pedro — RIO DE JANEIRO